

Trabalho apresentado no V Congresso Internacional sobre as Festas do Divino Espírito Santo

Terceira/Açores

31 de maio a 3 de junho 2012

O Espírito Santo e São Sebastião dos Impérios do Divino às Casas do Santo

A. Cunha e Silva

O místico São Sebastião é interpretado à imagem de Cristo. Assinala esta analogia D. Carlos Azevedo que afirma, “a vida de São Sebastião é um espelho da vida de Cristo”, e concluiu; “se na cruz se espelha o drama da condição humana, no corpo de São Sebastião ferido na árvore se revê o cristão atingido por tantas flechas, que aparentemente o derrotam”. (1)

Na busca de um espaço interpretativo para o culto a São Sebastião, encontrei como ponto de partida a Ordem dos Templários — o soldado mártir era patrono dos Templários de Tomar, _ Ordem Religiosa que “afeiçoando-a na Ordem de Cristo, El Rei D. Dinis “futurava a empresa dos descobrimentos e da expansão ultramarina, com o seu sentido ecuménico e missionário”. (2)

O tema para esta abordagem, é uma tentativa de “aproximação” entre as festas que se celebram nos Impérios Açorianos, e as que se celebram, na Casa do Santo, a São Sebastião, a quem o padre António Vieira chama de Divino. Aliás o nome Sebastião deriva do grego Sebastos, “Divino”.

Na minha imagética sobre o Espírito Santo e São Sebastião, sinto-os complementares, sinto-os a par, como se ambos tivessem embarcado na mesma nau, e os homens de bordo tivessem ajoelhado nas mesmas areias e rezado devocionalmente aos dois patronos. Qual a fundamentação? Não encontramos documentação escrita, mas sim numa rara peça de joalharia portuguesa do séc. XV, a imagem de São Sebastião artisticamente lavrada, estampado na vela mais robusta de uma barca, batel ou nau.

Segundo a análise de José Felgueiras um historiador náutico, a embarcação representada nesta peça de ourivesaria “é uma caravela! é das primitivas. Muito provavelmente uma caravela “pescareza”. (...) de dois mastros que foram as que descobriram a Madeira, os Açores e as Canárias”.

Esta salva de pé baixo em prata dourada foi divulgada pela primeira vez em 1998 por Gonçalo de Vasconcelos e Sousa na exposição “Pratas Portuguesas em Colecções Particulares”. Trata-se de uma obra de arte de colecção particular.

Orientado por este estudioso verificamos que se trata de “a representação de barco navegando em mar ondulado de vela desfraldada e em cujo centro se observa a figura de São Sebastião rara representação iconográfica em objectos argenteos similares. (3)

Na minha perspectiva, aqui se evoca o sentido ecuménico e missionário dos visionários das descobertas — os reis, as ordens, os navegadores, os capitães donatários — mancha humana de políticos e eclesiásticos a fazerem erguer ermidas, capelas, igrejas, mas também castelos, fortes, muralhas, assim como aquedutos, fontes e topónimos em louvor de São Sebastião, tanto no Continente como na Madeira, nos Açores, no Brasil, em África, ou na Índia, a exemplo do Culto ao Espírito Santo. Nesta perspectiva, pela sua importância documental, uma carta datada de 3 de Dezembro de 1583 escrita em Gôa por um missionário chamado Fúlvio de Gregório, traduzida no livro “Teatro Quinhentista nas Naus da Índia” do Padre Mário Martins, revela-se muito elucidativa: “costumam os portugueses eleger um Imperador pela Festa de Pentecostes e assim aconteceu nesta nau. Com efeito elegeram um menino para Imperador (...) levaram então o Imperador à missa, ao som da música, tambores e festa (...) a seguir, veio o banquete, em que os fidalgos serviram o Imperador, apesar de ele não pertencer à nobreza (...) e por fim serviram toda a gente ali embarcada à volta de trezentas pessoas”. Afirma-se também que “os navios pareciam por vezes pequenas aldeias onde não faltavam as celebrações, as ladainhas cantadas as festas e as procissões para assinalar as datas religiosas (4) “Nesta documentação verificamos a relação entre os navegadores portugueses e a sua missão como Cavaleiros da Ordem de Cristo na origem do Culto e Festas ao Espírito Santo. São Sebastião é um aliado, um protector, contra os flagelos da peste, da fome e da guerra. Ambos se cruzaram nos caminhos do sete estrelas das viagens pioneiras e criativas do hemisfério português. Quem sabe se a representação de São Sebastião na vela de uma caravela “pescareza” não estará directamente ligada aos ciclos das procissões a bordo; a exemplo das Festas ao Espírito Santo.

A complexidade mística do Espírito Santo supera-me.

Perturbado pelo dilema, ao ler Álamo de Oliveira senti-me aliviado: “quantos já pensaram nas razões que fazem surgir milhares de textos, grandes e pequenos, mais e menos profundos, sobre o Espírito Santo (...) tais textos, têm surgido ditados por uma espécie de encantamento”. Foi esta a providencial ajuda que potenciou a tibia aproximação entre o Espírito Santo e São Sebastião. Não escondo o medo pelo trilho a percorrer, mas espelho encantamento. (5)

Retomando a interpretação dos clamores festivos a São Sebastião e comparando-as às festas do Divino Espírito Santo, chamo a atenção para um estudo analítico, desenvolvido na Universidade do Minho por Alberto José Guedes Lameiras, “A festa de São Sebastião numa aldeia do Barroso”. Trata-se de uma abordagem a um conjunto de aldeias onde se celebra de forma ancestral a festa de São Sebastião, cujos rituais comunitários se estabelecem em redor da Casa do Santo, se cozinha o pão, a

carne e as papas, se abençoam estes alimentos e de seguida após as cerimónias religiosas, se oferece um bodo às populações locais e aos forasteiros.

As festas a São Sebastião acentuam (a vários níveis) autonomia em relação à Igreja. Diz-nos Alberto Lameiras: “na origem do contrato entre a divindade e os moradores da freguesia estabelecem-se obrigações sem qualquer mediação da estrutura do clero”; e acrescenta: “a participação do pároco é limitada à celebração da missa e do sermão e à benção dos alimentos. (...) O espaço festivo é predominantemente profano; a rua substitui o adro; o mordomo substitui o pároco na mediação entre a comunidade e a divindade (...) a festa exhibe os sintomas de um confronto latente entre religião popular e religião oficial”. (6)

Admite-se que as celebrações cultuais ao Espírito Santo nos Açores se mantiveram quase imunes à intercessão pela Igreja. O mesmo não se passou no continente, mas nas festas a São Sebastião nas terras onde termina o Minho e começa Trás-os-Montes e ainda nas Beiras, parece ter sido adoptado o formato da celebração pentecostal. Porquê?

Participo neste V Congresso em Angra do Heroísmo, na esperança de que a “aproximação” entre as festas do Espírito Santo e São Sebastião constitua mais um elo na cadeia das leituras feitas pelos cultores do Espírito Santo aqui reunidos. Nessa perspectiva divulgo algumas das imagens que me parecem mais elucidativas, captadas em Gondiaães, Cabeceiras de Basto:

1. Casa do Santo
2. O pão
3. A carne
4. As papas
5. Procissão
6. O bodo nas ruas da aldeia
7. Cerimónia do bodo, disposto no chão sobre toalhas de linho

Alenquer, a casa mãe ou berço do Espírito Santo, mostra-nos também no âmbito dos festejos a São Sebastião, uma partícula, uma componente simbólica. No dia da festa, a casa do festeiro era a “Casa do Santo”. “...a porta da rua ficava aberta com umas cortinas encarnadas a servirem de fundo ao oratório colocado em cima da mesa do santo”. (...) “na entrega do santo o chefe de família que fica com a responsabilidade da festa, recebe e guarda na sua casa o “oratório”, a “mesa”, o “cofre” e o “livro das contas”. (7)

Deste envolvimento resulta o “cargo” de Atouguia; açafate imagético à semelhança dos tabuleiros de Tomar, estes sim dedicados ao Espírito Santo.

Em Alenquer “os cargos pequenos de três faces levam quatro bolos e quatro laranjas. Em cima leva um bolo redondo, furado - uma corôa? -e uma fita encarnada a São Sebastião - o esvoaçante

simbolismo do Espírito Santo? Continuo a tecer “aproximações “mas longe estão os fios das afirmações conclusivas.

Eu sei que São Sebastião não é Trino e Uno. Eu sei que São Sebastião não é Pentecostal. Eu sei que São Sebastião não é Pai, Filho e Espírito Santo.

A historiografia diz-nos que Sebastião após o segundo martírio foi resgatado da “cloaca romana” e sepultado nas catacumbas ao lado dos apóstolos Pedro e Paulo. A cidade de Roma, a casa mãe, elegeu-os como padroeiros e ainda hoje a cidade mantém essa protecção: Pedro, Paulo e Sebastião. Carlos Magno, nomeou-o como um dos sete protectores da Igreja Católica. O Imperador Constantino dedicou-lhe uma Basílica em Roma. Em Portugal, a teoria mais consensual sobre os clamores a São Sebastião, afirma que estes estão directamente associados com os surtos de peste.

No arquipélago açoriano o tormento da peste não foi diferente: “no seu todo as ilhas eram muito sujeitas a surtos epidémicos, daí a existência de inúmeras imagens de São Sebastião dispersas pela diocese”.

Na ilha Terceira, refere-se “terem desembarcado aqui os primeiros colonos (...) cerca de 1450”. Ao local do desembarque deram-lhe o nome da ribeira que por lá havia”. D. Manuel I, meio século depois concedeu-lhe a carta “que o lugar da Ribeira de Frei João seja Vila e se chame São Sebastião”. Na ermida do lugar subsistem nas paredes pinturas a fresco, uma autêntica relíquia num monumento gótico, onde figuram vários santos, entre eles São Sebastião.

Na Praia da Vitória, afirma-se que a construção da igreja matriz foi “resultante de um voto quando grassou a peste de 1599, e que a “escolha do santo foi ditada à sorte entre 13 santos. Um menino (seria um menino imperador?) retirou um bilhete que continha o nome de São Sebastião”.

Na historiografia militar regista-se que “em 1569 deu-se o início à construção do castelinho de São Sebastião e que o nome atribuído ao primeiro castelo de Angra “poderá estar relacionado com a peste grande de 1569”.

O manto cultural a São Sebastião cobre ainda as ilhas de São Miguel, do Faial, do Pico e da Graciosa.

Em Ponta Delgada, a igreja de São Sebastião agora designada Matriz, deriva de “uma ermida dedicada a São Sebastião supostamente erguida no séc. XV em acção de graças ao mártir, a quem o povo pedira a intervenção para que se acabasse uma epidemia de peste”. Sempre a peste!

As simbólicas Portas da Cidade ostentam no arco central a coroa real, o escudo da nação e as armas de Ponta Delgada, com as setas e a palma de São Sebastião — o santo é o padroeiro da cidade.

No portal manuelino da Matriz vêm-se nove setas enlaçadas por uma fita. Não conheço outro exemplo com esta dimensão simbólica, o talismã sebástico jungindo num feixe as ilhas do arquipélago Açoriano.

Finalmente, na Vila de Rabo de Peixe, realizam-se as Festas das Bandeiras, integradas no ciclo de manifestações religiosas que se desenvolvem no período pentecostal. Nesta ocasião festiva celebram-

se seis coroações: a de São João, a de São Pedro, a dos Inocentes, a da Santíssima Trindade, a do Rosário e a de São Sebastião. Este facto foi referido por Maria Regina Oliveira, em comunicação ao IV Congresso sobre o Espírito Santo realizado em San José da Califórnia (2010). (8)

Questiono-me: será que as festas ancestrais a São Sebastião, marcadas simbolicamente pela solidariedade e pela partilha do bodo, não se implantaram nos Açores porque se misturavam com elementos icónicos próximos daqueles utilizados nas festas do Espírito Santo?

Esta questão merece estudo e fica em aberto.

Nesta comunicação imagética (perspectiva de “aproximação”) segui a luz do Espírito Santo a iluminar São Sebastião, e nela procurei protecção para atapetar os caminhos do Espírito Santo.

Bibliografia

- (1) In Catálogo da Exposição Comemorativa dos 500 anos da Festa das Fogaceiras em honra de São Sebastião, edição Câmara Municipal da Vila da Feira, 2005.
- (2) In Portugal Razão e Mistério - António Quadros.
- (3) In Catálogo da Exposição Comemorativa dos Quinhentos Anos da Festa das Fogaceiras em honra de São Sebastião, edição Câmara Municipal da Vila da Feira, 2005.
- (4) In O Mundo dos Descobrimentos - José Manuel Garcia, edição QN - edições e conteúdos, S.A 2112.
- (5) In Actas do IV Congresso do Espírito Santo, San José - Califórnia 2010.
- (6) In Comunidade, Festa e Poder: A Festa de São Sebastião numa Aldeia do Barroso - Tese de Mestrado; Universidade do Minho, 1996 - Alberto José Guedes Lameira.
- (7) In Concelho de Alenquer - Subsídios para um Roteiro de Arte e Etnografia. António de Oliveira Melo, António Rodrigues Guapo e José Eduardo Martins, edição Câmara Municipal de Alenquer - Associação para o Estudo e Defesa do Património de Alenquer.
- (8) In Actas do IV Congresso do Espírito Santo, San José - Califórnia.



Casa do Santo, Gondiaes/Samão



Império de São Sebastião, Terceira/Angra



Salva de Pé Baixo, São Sebastião (Coleção particular - foto, gentileza Editora Civilização)



Músicos - Lima de Freitas (Desenho)



Bodo a São Sebastião – Samão



Pão, São Sebastião – Samão



Carne, São Sebastião – Samão



Papas, São Sebastião – Samão



Bodo a São Sebastião – Gondiaes



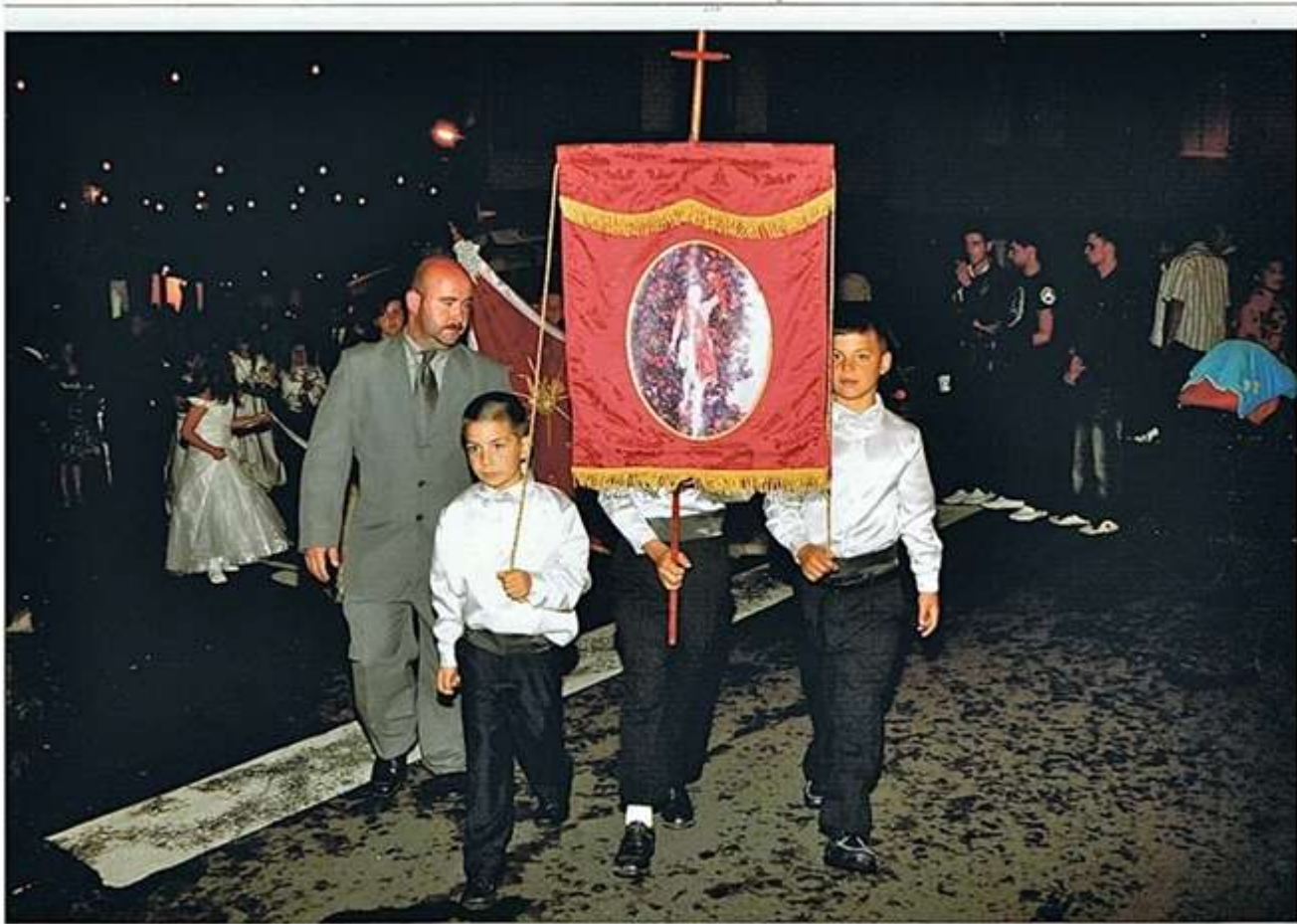
Bodo a São Sebastião – Gondiaes



Cargo – Alenquer



São Sebastião (Segundo Martírio)



Coroação de São Sebastião - Festa das Bandeiras - Rabo de Peixe



Espírito Santo - Registo da coleção de José Felgueiras